

# O Progresso Catholico



S. JOSÉ

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *Relíquias da Paixão*, pelo Padre J. J. Soares; *Gottas de balsamo*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 61.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal*, pelo Padre J. A. R.; *Quaes meliores?* por E. I.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrológica, por D. P.—Secção Litteraria: *Um quadro de Zola*, por D. Plácida Ozorio.—Retrospecto, por F.

**Gravuras:** *S. José; Regresso do Calvario.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Relíquias da Paixão

**A**LOU-SE a melodiosa voz do orgão! Os altares vêm-se sem ornamentação, sem flores! As sagradas imagens e cruzes que se veneram em nossos templos, occultam-se aos olhos de todos; estão cobertas com roxeados véos!

Que tristeza e desolação!... Que profunda máguã!...

E porque se observa um quadro tão pungente e doloroso?

E' que estamos no tempo em que a santa Igreja commemora os mysterios da Paixão e morte de Jesus Christo, nosso Divino Salvador. E' esta a razão porque vemos agora na casa de Deus tantos signaes de angustia, dôr e sentimento.

E qual o christão que tenha um coração tão empedernido que não deixe o peccado, e se esqueça de quanto Jesus supportou e soffreu para remir e salvar a humanidade?... Qual o christão que não se commova bastantemente ao pensar na sagrada Paixão e morte de Christo Senhor Nosso?...

Se um amigo, diz Hamon, tivesse dado a sua vida por nós e morrido em nosso logar em opprobrio e nos tormentos, d'isso nos lembrariamos até ao ultimo suspiro, nos recordariamos, com uma viva emoção, de todas as circumstancias da sua agonia, e beijariamos com lagrimas de ternura o quadro, que nol-o representasse padecendo e morrendo por nós. Quanto mais deve o amor de Jesus crucificado constrianger-nos até não nos deixar mais viver senão para elle? Porque na cruz não é por amigos, que Jesus morre, mas por aquelles que até se tinham tornado seus inimigos.

E Santo Agostinho diz:—«Aquelle que esquece o beneficio da criação, merece o inferno; mas aquelle que esquece o beneficio da redempção, merece mil outros infernos».

Para reanimar, pois, a fé dos leitores, e avivar-lhes o amor para com Jesus crucificado, vamos dizer-lhes onde se acham algumas importantes reliquias da Paixão do Salvador. E porque na vespera de sua morte Jesus Christo reuniu os seus Apostolos para comer com elles a ultima Cêa, instituindo então o Santissimo Sacramento da Eucharistia, principiaremos por duas nota-

veis reliquias concernentes á mesma Cêa. (1)

#### Mesa da Cêa

Em Roma, na basilica de S. João de Latrão, conserva-se uma das mais veneraveis reliquias que ha no mundo. Por traz de grades de ferro, debaixo de largas folhas de crystal, está escondida a propria mesa em que nosso Senhor instituiu a SS. Eucharistia. Esta mesa é de madeira, sem ornato algum, e tem uma pollegada de espessura, sobre doze pés de comprimento e seis de largura. Coberta de laminas de prata pelos summos pontifices, foi despojada d'ellas no saque de Roma, sob o condestavel de Bourbon.

#### Prato

Existe em Genova o prato em que Christo Senhor Nosso comeu o Cordeiro Paschal na ultima Cêa. E' de fina esmeralda, e como tal se guarda na sé, fechado com doze chaves, que estão em poder de outros tantos cidadãos principaes. E' aberto e largó por cima, e vai diminuindo e estreitando no pé. Faz seis divisões ou cantos de oitavado, e tem duas azas. Diz Fr. Luiz de Sousa que este prato, que serviu na ultima Cêa, será capaz, em boa estimativa, de mais de meio alqueire de trigo. Esta riquissima joia, é tradição que foi d'El-Rei Salomão.

#### Tunica

Nunca foi de côr roxa a tunica que Christo vestiu e usou. Era de côr azul celeste, segundo um pedaço que em tempo foi dado a Henrique de Castella, e que ainda hoje existe n'um dos templos da Hespanha. Como a côr roxa, que é a que mais se aproxima da negra, exprime mais o sentimento, deu isto logar aos antigos pintores imaginarem de côr roxa a tunica de que usou o Divino Salvador.

#### Escada do Pretorio

Não ha um só christão que não saiba que, no dia da Paixão, nosso Senhor subiu, por ordem de Pilatos, a um logar elevado, especie de sacada calçada de pedra, d'onde foi apresentada ao povo a innocente Victima. A escada que conduziu o Filho de Deus a esse

theatro de ignominia e dôr, foi transportada para Roma; compõe-se de vinte e oito degraus de marmore tyrio, de grande brancura. Para a conservar, Clemente XII a mandou cobrir de grossas laboas de nogueira, nas quaes põem os pés ou antes os joelhos os peregrinos. Consagrada pelos passos da adoravel Victima, e regada com o sangue da flagellação, a escada do Pretorio tornou-se um objecto da veneração de todo o mundo.

Um moço israelita, que se tornou celebre pela sua conversão, passava por diante da escada do Pretorio. M. de Bussières, que o acompanhava, descobriu-se em signal de respeito áquelle monumento sagrado, dizendo:—*Salvè, Escada Santa!* O novo Saulo pôz-se a rir ás gargalhadas d'esta *fraqueza supersticiosa*. «Não riaes muito, disse-lhe o seu piedoso companheiro, que breve a subireis de joelhos». Alguns dias mais tarde cumpria-se a prophesia. Affonso Ratisbona, tornado milagrosamente catholico, subia de joelhos a Escada Santa, deplorando com Paulo a ignorancia que o armara contra o Deus, cujas ignominias e cuja cruz sentia orgulho de então partilhar.

#### Corda

Parte da corda com que Christo Senhor Nosso foi atado á columna, conserva-se em Roma, na basilica de Santa Cruz de Jerusalem.

#### Columna

Na igreja de Santa Praxedes, em Roma, está a columna a que o Divino Salvador foi preso durante a flagellação. Sabe-se que esta columna, religiosamente conservada pelos primeiros christãos, foi trazida do Oriente, em 1213, pelo cardeal João Colonna, legado da santa Sé. E' de marmore oriental preto e branco, e pôde ter tres pés de altura.

#### Vestido de purpura

Na basilica de S. João de Latrão está parte do vestido de purpura que lançaram sobre os hombros de nosso Senhor no Pretorio. (1)

#### Corôa d'espinhos

Existe esta preciosidade que cingiu a fronte gloriosa do Filho de Deus, n'uma das igrejas de Pariz. Tambem em Roma, na basilica de Santa Cruz de Jeru-

(1) O que vai seguir é extrahido da obra «*As Tres Romas*», por Gaumo, da «*Vida do Arcebispo*», por Fr. Luiz de Sousa, e dos *journaes catholicos*—«*Cruz e Espada*» e «*Commercio do Minho*».

(1) Na igreja de Tibães ha uma pequena reliquia—*De veste Domini*.

salem, estão dois grandes espinhos da corôa de nosso Senhor.

### Canna verde

Este sceptro, que foi collocado, por escarneo, nas mãos santissimas do verdadeiro Rei do Universo, existe, com grande veneração, na igreja de Santa Sabina, em Roma.

### Cruz

Constantino, tendo visto em sonho a cruz do Salvador, mandara fazer o *labarum*, maravilhoso estandarte, com o monogramma de Christo, e, por divisa, estas palavras reveladas:—*In hoc signo vinces*. «Por este signal vencerás». O acontecimento justificara a predição. Vencedor de Maxencio e senhor de Roma, o novo Augusto quiz tributar à cruz as honras que lhe eram devidas. Santa Helena, sua mãe, partiu para Jerusalem, descobriu a verdadeira cruz, e voltou a Roma, trazendo uma parte consideravel d'este rico thesouro e outras reliquias insignes. A fim de receber este precioso deposito, foi construida uma igreja à custa do imperador, e consagrada pelo papa S. Silvestre. Esta igreja é a augusta basilica de Santa Cruz de Jerusalem.

Na basilica de S. Pedro de Roma, está tambem uma parte notavel da cruz, em que Christo Senhor Nosso morreu.

### Sudario

Deixae-me, diz Gaume, referir ácerca do *vêo sagrado* uma antiquissima tradição. O rumor dos milagres de nosso Senhor havia chegado aos ouvidos de Tiberio. Havendo o imperador caído doente, desejou ver aquelle personagem extraordinario que vivia na Judea.

Se é um Deus, dizia elle, pôde socorrer-me; se é um homem, pôde ajudar-me com seus conselhos. Chamou, pois, um dos seus officiaes, appellidado Volusio, e o fez partir para a Palestina com ordem de lhe trazer Jesus. O official embarcou immediatamente; mas contrariado pelo mar, perdeu muito tempo, e nao chegou à Judea senão depois da morte de nosso Senhor. Não podendo desempenhar a sua missão, quiz ao menos levar ao imperador alguma recordação do Nazareno. Soube que uma mulher, que habitava a cidade de Tyro, tinha sido curada por Jesus, e conservava o seu retrato. Volusio a mandou buscar, e a obrigou a segui-lo com o retrato que possuia. De volta a Roma, conduziu Volusio a mulher a Tiberio. Ao vê-la perguntou-lhe o imperador se era verdade que ella houvesse sido curada por Jesus. Assim é; respondeu a mulher; e ao mesmo tempo apresentou a imagem do Salvador a Tiberio, que ficou immediatamente curado. Compenetrado de reconheci-

mento, dirigiu-se o imperador ao senado, e propoz collocar Jesus no numero dos deuses. Os senadores negaram-se a isso; então aquelle principe, que até alli se havia mostrado manso e humano, se deixou arrebatado de cólera, e fez morrer grande numero de senadores e illustres romanos. Quanto à mulher de Tyro, ficou em Roma, e deu a imagem do Salvador ao papa S. Clemente, que a conservou preciosamente, e a transmittiu a seus successores. Seja o que fôr d'esta tradição, sempre é certo que o *vêo sagrado* é venerado no Vaticano desde a mais remota antiguidade. Já no oitavo seculo estava estabelecida em sua honra uma solemne festa.

### Título da cruz

O dia 1.º de fevereiro do anno de 1492 foi para Roma um dia de milagre. No tempo em que o cardeal de Mendoza fazia, a expensas suas, incrustar e caiar as paredes de Santa Cruz de Jerusalem, os trabalhadores tocaram no cume do arco elevado no meio da igreja, e que sóbe até ao tecto. Chegados ao sitio onde estão ainda hoje duas columnas, encontraram um vacuo; tendo-o furado, acharam n'elle uma janellinha, na qual estava uma caixa de chumbo de dois palmos de comprimento, perfeitamente fechada; estava coberta com uma prancha de marmore, na qual se liam estas palavras:—*Hic est titulus verae crucis*. «Está aqui o titulo da verdadeira cruz». Na caixa achou-se effectivamente uma pequena lamina, d'um palmo de comprimento, um de cujos lados estava deteriorado pelo tempo. N'esta lamina estavam gravadas e pintadas de vermelho as seguintes palavras:—*Ihesus Iudaeorum Nazarenus rex* (1), mas a palavra *Iudaeorum* não estava inteira; faltavam-lhe as duas ultimas letras, porque, como disse, a lamina havia sido comida pelo tempo. A nova da descoberta, quasi toda a cidade acudiu a Santa Cruz. O proprio papa innocencio alli foi, e mandou deixar o titulo na caixa onde estava, permitindo somente expô-lo debaixo de vidro, no altar-mór, no dia da festa da basilica. Não ficou dúvida a ninguem de que fosse este o verdadeiro titulo que Pilatos collocou na cruz de nosso Senhor, e de que, segundo uma antiquissima tradição, Santa Helena o depositara n'este logar elevado, quando foi edificada a igreja.

(1) Estas palavras estão escriptas em hebraico, grego e latim, da direita para a esquerda, segundo o uso dos orientaes. Escreveram a legenda da cruz n'estas tres linguas, para que fosse interpretada e lida pelos povos d'estas tres nações, que então povoavam todos os altos e baixos da Palestina.

### Cravos

Os cravos que crucificaram a Christo Senhor Nosso, diz a «Cruz e Espada», ha opiniões se foram tres ou quatro. E' de crer que fossem quatro, e mais provavel é esta opinião porque existe um em Vienna d'Austria, outro na Colonia, outro em Milão e outro em Jerusalem (1).

### Esponja

Uma parte da esponja molhada em fel que apresentaram a nosso Senhor está em Roma, na basilica de Santa Cruz. Outra parte está na basilica de S. João de Latrão.

### Ferro da lança

O ferro da lança que traspassou o lado de nosso Divino Salvador, acha-se na basilica de S. Pedro de Roma.

### Sangue

Refere Fr. Luiz de Sousa que em França, na igreja de S. Domingos da cidade de S. Maximino, ha uma ambulancia de vidro grosso, cheia até ao meio d'uma terra de côr entre parda e cinzenta, e como de vasa de rio. Esta terra foi a que a Santa Magdalena colheu ao pé da cruz, banhada e envolta no preciosissimo sangue do Redemptor, e por tal está venerada com prova de effectos milagrosos. Todos os annos, infallivelmente, no dia da sexta-feira da Semana Santa, logo que começa o officio da Paixão, começa esta terra a ferver em movimento continuo, e á vista de todos se mostra ser verdadeiro sangue. Acabado o officio, acaba juntamente a fervura, e, ficando em quietação, fica tambem com sua primeira côr.

### Pedra do sepulchro

Rematemos este trabalho pela pedra do sepulchro. Diz a «Cruz e Espada»:—«A pedra que cobriu o Corpo Sacrosanto de Christo mede nove palmos de comprido e cinco de largo, tendo quatro dedos de grossura. Existe ella no mosteiro dos Armenios, servindo d'ara do altar-mór. Fica este templo situado fóra dos muros de Jerusalem».

Em Roma, na basilica de Santa Cruz, estão tambem alguns fragmentos da pedra do sepulchro.

P. da Graça—março de 1891.

P.º J. J. Soares.

(1) Um dos cravos existe em Roma, na basilica de Santa Cruz de Jerusalem. Talvez seja este o que a «Cruz e Espada» aponta em ultimo logar.

## Gottas de balsamo

1.º Por muito fervor que appliqueis aos vossos exercicios de piedade, não raro vos acontecerá decairdes n'um estado de aridez, de tedio e desgosto, que vos desvie dos actos espirituaes e inspire o receio de estardes no esquecimento de Deus. Tomai cuidado então, não venha prostrar-vos o desalento; é hora de vos lembrardes que no serviço de Deus ha um tempo de paz e um tempo de guerra, um tempo de fervor sensível e um tempo de secura. Sêde pois fortes sempre na confiança: Deus prova-vos, mas não vos abandona; faz-vos conhecer vossa fraqueza para que só n'elle esperéis. A's cegas lançai-vos em seus braços; servi-o fielmente; descançai em seu paternal amparo, e brevemente tornareis de novo a conhecer a paz e a sentir o fervor. Nenhum sancto houve que não passasse pela alternativa de consolação e aridez espiritual: estimule-vos seu exemplo a não desanimardes na provação.

2.º Costumai-vos a ver a mão de Deus em todos os acontecimentos da vossa vida, quer sejam prosperos, quer adversos: d'ess'arte a serenidade e a resignação hão de acompanhar-vos incessantemente.

3.º Meditai com frequencia na paixão dolorosa de Nosso Senhor Jesus Christo, e ao passar deante da cruz fazei em vosso coração um acto sincero de amor. Quando poderdes, beijai piedosamente o vosso crucifixo com sentimentos de reconhecimento e contrição.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

61.º

CXLIII

F. Egidio Maria Estrix



INDA que pouco conhecido entre nós este theologo jesuita do seculo XVII, não devemos, comtudo, omitir o seu nome n'este catalogo, pois que occupou um logar distincto nas controversias theologicas da sua epocha, sendo citado com louvor.

O *Curso completo de theologia*, da edição de J. P. Migne, no tomo XI, inseriu uma pequena obrinha do jesuita Estrix, julgando-a digna de figurar n'aquella famosa collecção. Vejamos, pois, quem foi este sabio da Companhia de Jesus.

Nasceu Egidio Maria Estrix em Malines (Belgica), no anno de 1624, abra-

cando o instituto de Santo Ignacio em 1641; fez a profissão dos quatro votos solemnes em 1659.

Já advertimos antecedentemente que na Companhia de Jesus o professo do quarto voto é considerado capaz de lèr com satisfação philosophia e theologia nas universidades mais celebres do mundo, ao juizo de quatro examinadores mui sabios. Cada professo, pois, dos quatro votos é um doutor consummado.

O P. Estrix ensinou, com grande aproveitamento de seus ouvintes, philosophia quatro annos, theologia escholastica nove annos, em varios collegios; lettras humanas em Louvain e em Roma seis annos.

Na capital do catholicismo, onde viveu muito tempo, foi secretario da Companhia, durante o generalato do P. Thyrso Gonzales, de quem já fallamos em outra parte. Alli falleceu em 1694, deixando varias obras polemicas e apologeticas.

Era homem de summa modestia e humildade, estimado de todos, ainda dos mesmos a quem combateu em algumas doutrinas. Foi muito elogiado por Concina e Paturri, theologos da Ordem dos Prégadores.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal

(Continuação do n.º antecedente)

II

*O mal da patria.—E' o peccado a origem d'elle.—O maior peccado das sociedades actuaes é o liberalismo.—O liberalismo aspira a deschristianisar as sociedades.—Noção do liberalismo.—Seus fins.—A'ler!*

**E**CHOAM tristemente d'um ao outro extremo do reino recriminações, clamores e lamentos; é como que o arfar sinistro d'um vulcão, cujos flancos corroidos mal represam a lava candente e exuberante.

Ter consciencia do perigo, confessar a imminencia d'elle, são em verdade passos importantes para a salvação; mas não bastam, releva investigar-lhe as causas occultas e acudir a tempo com os remedios efficazes. «Hoje em dia todas as cousas humanas caminham para o desenlace final, com uma rapidez miraculosa. O mundo vò: dir-se-ia que Deus lhe deu azas na sua senectude como à mulher esteril da Sagrada Escriptura. (Donoso Cortez).

E' imminente um cataclysmo social;

estamos no cairrel do abysmo; espantosa torrente de loucuras, maldades e corrupções, desde ha muito agglomeradas, arrasta-nos e leva-nos á perdição. Eis o que todos vdem e proclamam alto e bom som. Qual será porém o motivo d'esta nossa lamentavel situação? Como é que a maldade attingiu tam descommunal expansão? A estas perguntas pode offerecer o catholico respostas categoricas, fundamentadas em provas solidas e diremos até, irrefutaveis.

O peccado! Eis o que fazem as nações miseraveis.

E' esta uma verdade inconcussa, estatuida como lei infallivel pelo Espirito Santo, sancionada pelo testemunho de todos os seculos e demonstrada pela sua philosophia, que affirma e prova estribar-se necessariamente a sociedade humana na ordem moral como em base imprescindivel. Ora sendo o peccado, na sua essencia, a negação da ordem, ou a desordem pura, torna-se evidente que ténde a destruir a sociedade, radical e completamente.

Tam espantosa subversão não é porrem levada a effeito por todo e qualquer peccado.

Varéa este de facto, tanto na sua gravidade como na força que tem de destruição, havendo peccados leves e peccados gravissimos, peccados de fragilidade e peccados de malicia, etc., etc. Podem alguns d'estes ultimos pela sua satanica maldade e letal pestilencia constituir, como o demonstra Joseph de Maistre, verdadeiros peccados originaes de segunda ordem, capazes de viciar uma raça inteira e levar-a ao selvagismo ou á destruição completa; taes foram nos tempos antigos a corrupção antidiluviana, a soberba dos povos que habitavam a planicie de Senaaz e tal é, a heresia absoluta ou apostasia radical e pertinaz (1).

Constitue evidentemente a apostasia radical e pertinaz dos individuos, e sobre tudo das sociedades, seja qual fór o disfarce ou euphemismo com que se apresente, o mais horrendo e, portanto, o mais funesto de todos os peccados. Nem o homem viador é susceptivel d'outro mais grave, por isso que regeitando o apostata o complexo das verdades reveladas, denega a Deus, Omnipotente e Soberano Senhor do universo, todo e qualquer direito, quer sobre os individuos, quer sobre a sociedade, e estabelece o homem n'uma independencia, autonomia ou rebellião absoluta; por outra, a apostasia é a soberba humana no seu paroxismo, tentando, quanto em si cabe, oh horror! espesinhar e destruir a Deus!

(1) *Soirées de S. Pétersbourg, 1.ª soirée, pag. 78.*

E' este de certo o cumulo da maldade. Pois bem; a definição da apostasia convem, adequada e integralmente, ao liberalismo sob qualquer aspecto em que se considere.

Que vem a ser, de facto, o liberalismo?

E' o *racionalismo na politica*; ou como disse Hemptinne, é a negação da ordem sobrenatural com respeito á politica; a exclusão de toda a influencia religiosa nas relações sociaes; a absoluta emancipação da revelação divina. Baseia-se na negação da ordem sobrenatural e implicitamente na da existencia de Deus (1).

O fim essencial do liberalismo consiste em emancipar a politica das influencias religiosas. Revindica a liberdade individual em todas as espheras da actividade humana (2).

O liberalismo procede do conceito Kantista ou Hegeliano que vê no *individuo* a fonte exclusiva de todo o direito; é portanto identico ao individualismo, o qual concebe «a liberdade como um imperativo absoluto, inherente á natureza racional do homem, *direito superior a qualquer outro*, e inatacavel, *absolutamente soberano*, em todas as suas manifestações juridicas, intellectuaes e economicas» (3).

«A doutrina racionalista (ou liberal) encerra o homem em si, fazendo d'elle uma emanção ou determinação individual do espirito que se lhe afigura espalhado em todo o universo. D'esta arte, possuindo a essencia racional que constitue o principio de toda a vida moral, o homem acha em sua consciencia a idéa soberana que o torna autonomo; a justiça é n'elle immanente e não conhece outra lei que não seja a sua propria liberdade.» (4)

O liberalismo é a *revolução* ou o *satanismo* na politica. (5)

Naturalismo, racionalismo, liberalismo, com respeito á questão social, são termos equivalentes... Notaremos apenas que a palavra liberalismo se toma com especialidade em referencia ao systema politico, a que o naturalismo e o racionalismo fornecem os principios. (6)

Mas objectará alguém: estas definições referem-se, na sua integra, tam sómente ao liberalismo puro, philosophico ou radical. A tal interlocutor responderemos perguntando, por nossa

vez, em que discrepam o liberalismo puro e o mitigado, o philosopho e o pratico? Por ventura não são filhos dos mesmos principios—a negação dos direitos de Deus na ordem politica? e a autonomia ou independencia absoluta da razão? Não revelam o mesmo odio, a mesma perseguição á Igreja e seus ministros? Que fins se pretendem á sombra dos euphemismos de regeneração, progresso, emancipação, etc.? expungir da legislação todo o vestigio da lei divina e ecclesiastica, e dos corações, o temor de Deus e a fé, inspirando aos homens uma soberba luciferina, reduzir á escravidão o sacerdocio, tornar o ensino atheu, etc., etc. Identicos na essencia, os dous liberalismos só divergem no methodo: certos liberaes moderados, por temperante consciencia ou calculo habilidoso, intendem que é melhor *deschristianisar* o povo com prudencia e pouco a pouco; outros mais ardentes, ou talvez mais esfomeados, optam pela violencia e meios expeditos.

Qual porem d'estes dous partidos será mais perigoso? Semente de christão é o sangue dos martyres: a perseguição retempera o character, aviventa os brios e a fé, como estamos vendo em Allemanha; ao passo que a seducção artificiosa e insensivel, um systema de corrupção habilmente urdido, o illaquear arteiramente as consciencias, o enredar a Igreja em laços dia a dia mais estreitos, embora enfeitados com flores envenenadas ou, como dizia Mazzini, afogar o christianismo n'um charope de violetas, eis de certo a obra-prima de Satanaz, o maior perigo que uma nação possa correr.

Movido pela evidencia d'esta verdade, é que Pio IX, o Grande, disse a 18 de julho de 1871: «Essas maximas perniciosas, chamadas *catholico-liberaes*, estas sim, é que são verdadeiramente a causa da ruina dos estados e a perdição da França. Crede-me: os estragos que vos annuncio são mais terribes que a *Revolução*, mais ainda que a *Communa*. Tenho condemnado sempre o *Liberalismo Catholico*, e quarenta vezes voltarei a condemnal-o, se tanto fôr preciso.»

Ah! quando é, que os catholicos e mormente os sacerdotes, se hão de convencer de que: o liberalismo manso é o inimigo, é o mal, que nos ha de matar irremediavelmente, se o não repudiarmos a tempo. «Por uma doirada estrada, tambem se vae para o supplicio. Em Roma, que valeria ao boi adornarem-no de collares e fexas preciosas, para o conduzirem ao altar nos *suovetaurilios* lustraes?

Como uma rez, nós marchamos todos, seguindo os sacerdotes que nos guiam, perfumados de myrra, coroados

de plantas adorificas, bellas phrases, sorrisos de satisfação alegre, passo grave e gesto largo.

Mas em Roma o sacerdote sabia que ia matar a victima: em Portugal ignora o politico, que talvez conduza a nação á morte? Mede bem o alcance do abysmo futuro, inevitavel?»

Bella e expressiva imagem que nitidamente revela a ultima consequencia do pomposo systema politico-liberal; e, note-se bem, quem assim falla, é um dos actuaes corypheus do livre pensamento entre nós (1). *A broca da analyse*, conforme a expressão pittoresca de Mousinho da Silveira, patenteou affirm, aos olhos dos mais incredulos, que no âmago das formulas liberaes só se encontra lodo e o mais violento e deletorio dos venenos sociaes.

O liberalismo manso é a furia Alecto, o monstro mais odioso e lactifero dos antros infernaes, disfarçada em sacerdotisa do progresso, cuja só presença causa horrenda perturbação, onde quer que passe, ficam assentadas para sempre a descrença, a soberba, a corrupção, a anarchia, a morte; é a maga Circe, supposta filha do sol, que pelos seus cantos maviosos e trega belleza, captiva os effeminados mortaes, transformando-os depois de reduzidos em brutos immundos ou feras crueis; é Satanaz astutamente enfeitado com falso brilho e seductores attractivos de Anjo da luz.

Nunca, nunca os filhos de Deus estiveram expostos á mais perigosa seducção. A'erta pois, áleria! devéras áleria!...

(Continua)

P.º J. A. R.



## Quaes melhores?

Que seria de nós vencendo a republica—Liberaes accusadores e liberaes reos—A Egreja é quem soffre.

**A** CASTELLAM-SE ainda as considerações relativas ao dia da revolta, que muita gente reputa uma vasa perdida pela republica, e alguma, sim, alguma uma maniversia monarchica, levada a termo para intalar os da idéa nova. Onde estará a verdade?

Não é isso que vimos discutir. E' difficil o problema: deixemol-o a outros de melhor fôlego e mais elevada paciencia. Outro campo se offerece ao nosso discorrer, onde estaremos á vontade, firmes, sem temores de cair, e, sobretudo, allumiados a *giorno*, o que

(1) Oliveira Martins, *Portugal Contemporaneo*—livro 2.º, pag. 419.

(1) R. P. At, *Les Principes generateurs de Liberalisme*, p. XIII.

(2) Palavras de Frère-Orban, chefe do radicalismo belga—1887.

(3) Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*, 1 vol., pag. 408.

(4) Charles Perin—*Les lois de la Société chrétienne*. Tome-premier—pag. 48.

(5) Marquez de Valdegamas.

(6) Charles Perin.

é realmente uma delicia, visto irem os tempos nebulosos. Levantaremos pois nosso pavilhão, exhibindo perante os amadores uma collecção de verdades, merecedora sem duvida de sua attenção benevola.

Se a republica vencesse!

O que iria por esse Portugal fóra...

Ninguem pode imaginal-o. Auxiliados porém, n'um calculo de probabilidades, a querida imprensa liberal, de quem desconfiamos sempre, mas que não raro dá testemunho da verdade, como por vezes o deu tambem o proprio pae da mentira.

Veiu pois a tal imprensa, á barra da publicidade, declarar com umas ingenuidades candidas e uns ademanes de gravidade, a situação misera em que eram postas innumeradas instituições e familias, se os successos do dia 31 fossem ao invéz do que foram. De certo, os heróes da imprensa liberal foram d'esta vez ajoelhar aos pés do pa-rocho.

Elle está-se na quaresma.

Mas venhamos ao ponto: se não fosse substituida a bandeira republicana, baseada no topo do edificio dos Paços do Concelho, pela bandeira da monarchia, uma monarchia levantada no pedestal *ultra-legitimo* do Liberalismo (1), a estas horas, os prelados, os cabidos, as mitras, as vigararias, os deados, as collegiadas, as confrarias, varios conventos e mosteiros, muitas ermidas e capellas, a maioria dos parochos do reino, as Misericordias, hospitaes, Ordens Terceiras, hospícios, asylos, casas pias, camaras, caixas economicas, caixa geral dos depositos, e tantas outras instituições, d'onde pende o alimento quotidiano de milhares de familias, teriam cortados fatalmente os canaes de seus recursos, desviados para saciarem as fauces auriseditas d'esse mundo virgem de republicanos, formado não de gente collecticia, mas da nata de quantos honestos se encontram ainda n'este paiz de mortos, que assim lhe podemos chamar, como Sismondi chamou á Italia contemporanea.

Os immaculados liberaes fizeram dos republicanos uma cabeça de Medusa, capaz de petrificar a quantos imprudentemente lhes fitassem os olhos.

Foram porém desastrados, os pobres liberaes: *Non licet omnibus adire Corinthum*. E' certo que nos disseram uma verdade: os republicanos sorveriam tudo isso. Mas esqueceram-se de dizer-nos tambem, que estes bens, contra vontade de seus possuidores legitimos, em obediencia á nefasta doutrina do socialismo do Estado, tiveram

ingresso nos cofres do governo, mediante o beneplacito dos corypheus do liberalismo! Incutiram-nos asco as lagrimas dos liberaes. Armaram elles a caramunha ao verem a empada succolenta, que andaram a frigrir com tanto afan, em vespéras de ser o regalo de outros queixos.

O sentimento que os emocionou (ainda n'elles ha sentimento) foi, diga-se a verdade, foi o da golodice: *Deus... venter*.

Demais, esta pobre gente soffre d'uma amnesia lastimosa, persagiadora de desarranjos cerebraes. Como o feitor infiel do Evangelho, caem de braço armado sobre a republica, que aneia lesal-os, sem se lembrarem do quanto lesaram por sua vez, ao subirem ao tablado d'este malaventurado paiz onde desempenharam (e desempenham) um papel de farçantes ridiculos. Não ignoramos a rudeza de nossa tarefa, pondo-nos a falar em corda na casa de enforcado. Mas quê? Nós não somos de Paulo nem de Pedro, somos da Verdade, somos da Igreja, somos de Christo. Emquanto virmos lesada a justiça, hemos de clamar por ella, que só assim advogamos a paz, o bem moral e material da nossa patria.

Os republicanos, se fossem com a sua por deante, punham em grave risco os interesses de muitas familias e muitas instituições.

Mas quantas delapidações fizeram e continuam fazendo os liberaes? Diga-nol-o Pinho Leal, o paciente colleccionador de dados importantes:

«Em 1834 muita gente de sentimentos vis fez mão baixa sobre um certo numero de conventos, que foram saqueados, escapando bem pouco (*o refugio*) que entrou no thesouro.

«Não pôde pois fazer-se um calculo approximado do horror de milboes, a que montou só o roubo das alfaias, ouro, prata, joias e livros dos conventos. Quanto aos edificios, campos, cercas, olivaeas, soutos, coutadas, etc., esses foram todos vendidos por uma bagatella, ficando a fazenda nacional sem conventos e quasi sem dinheiro.

«Fallemos nos bens *mobiliarios*, como hoje se diz.

«A relação dos objectos preciosos, pertencentes aos conventos supprimidos, e publicada em 1842 pelo thesouro publico, mostra que foram supprimidas 480 casas religiosas—mosteiros, conventos, hospícios, confrarias, capellas, irmandades, etc.—incluindo n'este numero a igreja patriarchal da Sé de Lisboa, porque mesmo d'esta igreja foram tirados muitos objectos d'ouro e prata. Em vista de tal relação, o valor total dos objectos amoedados ou vendidos na casa da moeda e nos diversos districtos do continente do reino, até

2 de março de 1842, era de 1:547 marcos, que ainda então existiam *em ser* na casa da moeda, e reis 117:106\$038.

«Todo o mundo sabe que nem a decima parte das riquezas dos conventos chegou á casa da moeda; e não exagéro, antes diminuo, e muito, dizendo que só as preciosidades tiradas aos conventos valiam, o minimo, mil e duzentos contos de reis.

«Já vêem que não incluo aqui as riquissimas livrarias, das quaes apenas para as bibliothecas foi o *refugio*, porque a maior parte, quasi tudo livros de grande valor—que os havia e muitos—foram roubados ou vendidos por vil preço.

«Um frade, meu amigo e homem muito curioso e instruido, teve a paciencia de avaliar todos os conventos de frades do continente, que foram vendidos, mas segundo dados antigos (pe-lo que esta avaliação hoje subiria muitissimo) e, segundo elle os edificios, cercas, fóros e diferentes propriedades montavam á somma de dezasete mil setecentos e vinte contos!

«Juncte-se a esta quantia a das preciosidades e ahi temos 18:920 contos!

«Supponhamos que os livros roubados valeriam quinhentos contos de reis; somma tudo isto em 49 milhões de cruzados!»

Que gente! que liberaes! que republicanos!... Lucifer ao contemplar estes pimpolhos, uns beijinhos de preço, uns primores das manufacturas lá de baixo, de quaes se mostrará mais desvanecido? Mal sabemos. Mas o que transluz de tudo isto com notavel evidencia, é que á Igreja, e a todos os catholicos são impostas sempre as custas d'estes infandos letigios, travados pelos que nada querem de Deus e ignoram o que vale amar a sua patria. E não terão muitos filhos da Igreja tambem, aqui, suas culpas? Impendemos a affirmar que sim. Este nosso viver de ha tantos annos lembra-nos o viver da casa de Heli; d'aquelle aguas mornas, d'aquelle bonacheirão do Heli. Os catholicos, nas commissões de delictos, dão por certo exemplo devéras a seguir-se. Mas nas omissões?... Ail Tudo como sob o governo do filho de Aarão. Erguem-se as mãos para Deus, mas Ophni e Phineo façam lá o que bem quizerem. O *laissez faire, laissez passer*, não é do tempo de Gournay, data de ha trinta seculos. Quando o nucleo dos portuguezes *bons* se vir punido como o grande sacerdote, confesse tambem humildemente a sua culpa: *Sibi imputet*. Quem mais pranteamos são aquelles que não descobrindo a malicia das más doutrinas, soffrem mais tarde suas fataes consequencias, convertidas em factos. «Illudem-os, diz o illustre Cardeal Lan-génieux, com palavras: Progresso! Li-

(1) Vid. o artigo do presente n.º do nosso collaborador Padre J. A. R.



REGRESSO DO CALVARIO

berdade! Emancipação! E insensivelmente, sem darem pelo que lhes pode acontecer, soffrem, cúmplices inconscientes, essa transformação social, que das veias lhes exhaure todo o sangue christão, para alli, gotta a gotta, lhes infiltrar um veneno fatal.

E. I.


## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«Vida de D. Fr. Bartholmeu dos Martyres, por Fr. Luiz de Sousa. Tomo III.» É uma das mais formosas biographias escriptas em lingua portugueza, digna das sympathias de todos, pelo sancto heróe cujas acções nos relata, e pela vernaculidade purissima que a exorna. Escripção no periodo aureo da litteratura portugueza, torna sempre lembrado o nome do auctor a par dos de Barros, Camões e Vieira. Os amantes da virtude e da lingua patria muito acham que aprender em cada uma d'aquellas preciosas paginas. Foi a obra impressa na typographia Lusitana e editada por Forte & C., rua Nova de Souza, Braga.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Huilla

(Vid. p. 55)

 ESTA notavel missão tivemos enesejo de referir-nos ao dar aos leitores do *Progresso Catholico* a photographia do pessoal respectivo.

Huilla é um concelho do districto de Mossamedes, a 40 leguas da costa, da qual se acha separado pela grande serra de Chella, inacessivel ao viajante, a não ser por uma outra escabrosissima vereda, onde a cada passo se vê cavado um precipicio, e cujo trajecto requer uns quinze dias de labor e paciencia, a par do receio de ser-se talvez salteado pelo tigre, pelo leão ou pela onça.

Devido á altitude em que se encontra, é a Huilla dotada de amenissimo clima, favoravel a todos os fructos da Europa e dos tropicos, produzindo alli facil e abundantemente o trigo, a aveia, o milho, o feijão e a maior parte dos nossos legumes e cereaes. Os europeos dão-se como no torrão natal, havendo exemplo de attingirem 80, 90 e 100 annos. Entretanto, aquelle paraizo era perdido em quanto não surgisse alli um missionario. Antes de 1880, essas paragens, habitadas por varios europeos, dados ao commercio do gado, cera, espingardas, polvora, aguardente e algumas fazendas, iam-se despovoan-

do dia para dia. Da fortaleza nas margens do Lipolle quasi nada mais restava que o nome, e os oito ou dez casebres ruíam tristemente, como saudosos dos moradores que retiravam.

Por esta epocha chegou alli o benemerito e illustrado Padre Duparquet, membro da Congregação do Espirito Sancto e Immaculado Coração de Maria, e chorou ao ver tam duro abandono em sitio fadado para foco de civilisação e de vida.

Vindo ao reino, não lhe consentiu descanso o seu zelo apostolico até que viu lançada a base da prosperidade futura da Huilla. Os seus anseios foram bem coroados.

Em 1881, tendo o governo concedido alguns terrenos na Huilla, navegava para aquelle sertão um joven de 24 annos, com o coração cheio de esperanza e a alma de fé, convicto de, em premio de sua abnegação e sacrificio, se realisarem n'elle plenamente os designios de Deus.

Este joven era o Padre José Maria Antunes, natural de Santarem, nomeado superior da Missão da Huilla. Tela virgem, de vasta amplitude, se estendia perante os olhos do novel sacerdote. Que delineamentos correctos, que tintas suavemente combinadas fôra lançar alli aquella alma feita de enthusiasmos, alma de artista, nascida para as grandes emprezas, e disciplinada magistralmente na eschola da fortaleza e do amor. no escolasticado e noviciado d'uma Congregação Religiosa, onde, á farta, se enivriou n'um ambiente purissimo de virtudes christãs e civicas?

A obra ahi está a dizel-o.

Dez annos se volveram, e a Huilla moribunda é hoje a Huilla pojante de força, de vida, de futuro. Corajoso, uniu como Eliseu seu corpo a um cadaver, e este sacrificio deu a vida ao morto.

Só dez annos. E n'aquelle ermo, prestes a sel-o ainda mais, onde não havia dinheiro e rareavam os braços. foi levada a cabo a construcção da igreja, do presbyterio, d'um collegio para rapazes filhos de europeos, d'uma eschola d'artes e officios para indigenas, d'outra de agricultura para os mesmos, e d'um seminario, finalmente, onde se forma o clero para Angola, o Congo, o Ovampo, e a Cymbebasia (1).

Disse Lacordaire: «As novas Missões começam; corre ainda o sangue pela verdade». A missão da Huilla é hoje uma flor perfumando aquelle deserto. um foco de luz descerrando aquella treva, um coração a purificar, no seu movimento de systole e diastole, o san-

(1) Vid. o que deixamos escripto a pag. 31 e 32.

gue que anima a nossa provincia angolense.

Huilla é hoje um exemplo, uma colonia modelo, um desmentido a Pemba, a unica solução para as colonias. Mas Huilla, que tem custado esforços sobre-humanos, carece de arregimentar a seu lado dez, vinte, trinta Missões identicas, para supprir á penuria dos nossos dominios d'alem mar. O Continente ahi tem o fermento abençoado para tanto: o collegio do Espirito Sancto de Braga veste, sustenta e educa 30 jovens, destinados ao sacerdocio nas Missões africanas, e a Eschola Colonial de Cintra, estabelecida na quinta do Bom Despacho, afeioa os Irmãos auxiliares, (1) que irão alli ensinar a agricultura e demais industrias, certificando ás nações estrangeiras, cubicosas de quanto possuimos, que tambem os portuguezes sabem lidar em prol da civilisação.

Quem ha porém auxiliado estas emprezas de tam maravilhoso alcance?

Poucos, mui poucos.

Se os governos não cumprem os seus deveres, muito fôra para desejar obviassem os povos ao mal que d'ahi provém. Assombrosamente forte é a caridade no coração do nosso povo: todas as cidades, todas as villas, as mesmas aldeias, demonstram a inconcussibilidade de nossa affirmação. Vêm-se mesmo com frequencia prodigios de generosidade; pois aos de coração bem fadado lembramos as duas obras a que acima nos referimos, para que as auxiliem quanto poderem, certos que melhor emprego não o poderão jamais achar ás suas larguezas (1).

R.

### S. José

(Vid. p. 61)

«No Patriarcha egypcio podemos reconhecer, diz S. Sanctidade, a viva imagem do Esposo da Virgem. Como aquelle foi manancial de felicidades e de salvação para os interesses domesticos de seu senhor, e logo com pasmo e assombro proveu ao bem publico de

(1) Tem actualmente mais de 40 membros.

(1) Agora mesmo lemos n'uma folha da capital, que os 30:000\$000 recolhidos pela commissão das senhoras para a defeza do paiz, iam ser divididos em tres partes: uma para fundo da defeza nacional; outra para que o novo Prelado de Moçambique fundasse uma Missão na prelasia que lhe foi confiada; e outra, finalmente, para ser repartida com a Eschola Agricola de Cintra, as Irmãs Hospitaleiras das missões ultramarinas e a sociedade da Cruz Vermelha. Muito bem! Esta deliberação devia deixar consolado o coração das benemeritas damas.



todo o reino; assim este destinado para guarda do nome christão, deve ser havido por defensor e protector da Egreja, que verdadeiramente é casa do Senhor, e reino de Deus sobre a terra.

Ha pois razão para que todos, de qualquer condição e estado que sejam, se encommendem a S. José, e confiem no seu valimento e protecção.—Os paes de familia têm em S. José o mais apurado exemplar da paternal vigilancia e providencia; têm as esposas um perfeito modelo do amor, da unanimidade e fidelidade conjugal; têm as donzellas um espelho, e de mais um tutor da virginal inteireza. Os de nobre sangue, tomando por molde a S. José, aprendam a manter o decoro até nos infortunios; os ricos aprendam quaes são os bens, que mais que tudo importa appetecer, e com todas as forças ajuntar. Porém os proletarios, os artifices, e todos aquelles que são de inferior condição, devem recorrer a José quasi por um direito seu proprio, e n'elle reverem-se para o imitarem. Porquanto Elle, com ser descendente de sangue real, e esposo da maior e mais santa entre todas as mulheres, e pae putativo do Filho de Deus, comtudo passou a vida trabalhando como artifice, e com o trabalho de suas mãos e pelo seu officio grangeou o necessario para amparo dos seus.—Não é portanto, se bem se indagar a verdade, não é desprezível a condição dos pequenos, pois não só não é deshonroso todo o trabalho do operario, mas pôde ennobrecer-se muito, entretecendo-o com a pratica das virtudes. S. José contente com o seu e com pouco, soffreu com resignação e constancia as tribulações, que necessariamente acompanham aquella minguada sorte de vida, nem mais nem menos que á imitação de seu Filho, que tomando a feição de servo, sendo Senhor de todos, se sujeitou voluntariamente á maior pobreza e indigencia.»

Concluamos com Bernardes:

«Bemaventurado vós, que vinte e sete annos tratastes e conversastes com a Mãe de Deus, seguindo o seu Espirito, o qual quanto mais communicaveis, tanto mais aproveitaveis em virtude e pureza. Bemaventurado vós, que fostes Aio, Tutor e Pae putativo de Christo, e com tanta perfeição exercestes este officio e dignidade, que aos mesmos Anjos sizesstes vantagem. Bemaventurado vós, que não tendo Christo Anjo Custodio, vos quiz por tal, e ministrando no céu a este Senhor milhares e milhares de Anjos, quiz que valesseis vós só por todos, ministrando-lhe na terra.

O' José Sanctissimo, grande em virtudes, dons e merecimentos, e entre todos os nascidos felicissimo! prostrado a vossos pés vos peço humildemente

me recebais por vosso escravo, que por tal, ainda que indigno, me offereço, renunciando em vossas mãos toda a minha liberdade, porque já não quero ser meu, senão todo vosso, como o sou de Jesus e Maria, para assim tenha sempre a todos tres no coração, como trindade da terra, e por vossa intercessão alcance ver e louvar eternamente a TRINDADE do céu, que vive e reina por seculos de seculos.»

### Regresso do Calvario (1)

(Vid. p. 67)

Joseph d'Arimathea, com uma pedra enorme sellou a entrada do sepulcro. Aquella trindade do soffrimento, Maria, João e Magdalena, hão que abandonar as cumeadas do Golgotha; mas ainda uma prova derradeira está reservada ao coração allicto de Maria, antes de transpôr os humbraes da casa do Evangelista.

A Cruz acha-se atravessando o caminho que leva do calvario. Na obscuridade da noite sobressai o lenho fatal, allumiado pelos raios tennes da lua, áquella hora mais cheia e ostentando mais amplo disco. Maria pára; curva o joelho e adora, na magestade do seu fervor, a arvore redemptora, rociada pelo sangue divino. Beija-a, em signal de reconciliação com o instrumento de tam misericordiosas cruezas, em veneração do objecto mais precioso tocado pelo corpo de seu Filho, em adoração e amor ao Sangue divino alli depositado. Ao levantar-se, traz os labios tinctos de purpura—terrivel sello de amor que o Filho imprimira na bocca e nas faces de sua Mãe! O' bocca sagrada, depositaria do sangue do cordeiro! oração d'essa alma celeste, que assombrosas maravilhas se teem dado depois que entoastes o admiravel *Magnificat!* Oh! deante de Deus é agora mais eloquente o teu silencio, que a melodia do cantico d'outr'ora!

Maria afasta-se da cruz. Lá em baixo jaz a cidade criminosa, mal distincta, involta nos vapores que lhe augmentam o vulto, semeada de luzes que scintillam, despedindo sons irregulares e entrecortados, que vão perder-se no espaço. N'aquelles labios, n'aquelles olhos, não havia uma palavra de censura, um movimento de despeito. Abrange, n'um só volver, quanto vai do Templo ás muralhas que circuitam a cidade deicida. Via o exercito de Tito apertar o cerco e as mães degollando os filhos para diminuir a fome! Via a apartar-se

(1) P. Faber, *Le pied de la croix.*

da antiga Sião a complascencia de Deus, como nuvem doirada que segue o astro do dia, quando, ao fim da tarde, se perde além do horisonte.

O' Virgem! ó mulher forte! ó coremptora nossa! para nós seja efficaz essa vossa angustia, e a dôr com que perdestes vosso Filho seja a mesma que a nós produza a salvação.

### SECÇÃO NECROLOGICA



M S. Thyago de Sendim, Felgueiras, falleceu D. Emilia Teixeira, na esperançosa idade de 18 annos. Em vez das flores da primavera toucaram-na os goivos do sepulchro, e as harmonias de seus annos juvenis foram substituidas pela orchestra funebre acompanhando o psalmejar plangente dos ministros sagrados.

Pranteemol-a, mas oremos por ella, que se na terra a choram, é de crer se alegrem os Anjos, vendo que em breve tempo percorreu o espaço que vai do exilio á patria.

D. P.

### SECÇÃO LITTERARIA

#### Um quadro de Zola

Era uma noite escura e tenebrosa!  
A chuva era geiada e copiosa!  
O sul impetuoso e violento  
par'cia derrubar n'um só momento  
as torres, onde as aves noctivagas  
soltavam longos ais! No mar as vagas  
debatiam se em grandes convulsões,  
semelhando o rugir de mil leões  
tomados d'improvisol! O trovejar  
dava o ultimo toque singular  
áquella escura e tenebrosa noite,  
que a todos envolvia em seu açoite.  
A rua era deserta. Só se ouvia  
d'espaço a espaço um carro que seguia  
em qualquer direcção. Os lampeões  
espargiam a luz em convulsões,  
sobre as pedras incertas da calçada  
onde cahia a chuva compassada!

Meia noite. Na volta d'uma 'squina  
divisa-se uma sombra feminina  
que procura occultar-se! Ella que quer?  
Que pretende a tal hora essa mulher,  
sósinha... sem temer aquella noite,  
sem buscar um portal onde se acoitel?

Na maneira de olhar, no incerto passo, conhece-se o temor, o embaraço, de quem pratica um acto repellente! No entanto... caminha sempre em frente; Parou emfim! De novo espia a rua! O pensamento d'ella então fluctua em regiões malditas... infernaes!... Com certeza os abutres e os chacães se aninham no seu peito depravado, que não tem um affecto perfumado que lhe dê vida e luz! Oh! desgraçada, que fazes?! Essa capa desdobrada que vaes d'ella arrancar? que tens ahí? Responde-me... o vagido que eu ouvi saliu d'esse teu seio? Mas que horror... que vejo?... Uma creança?! O teu amor por esse innocentinho, onde se abriga? Pois nem uma cadeia já te liga a esse pequenino? Não tens medo que morra, coitadinho, no lagedo onde deixal-o vaes?!... Oh! Mãe de Deus, lança um olhar dulcissimo dos teus, oh! Mãe!... sobre este pobre innocentinho derrama a luz do Bem no seu caminho, e pune, com justiça bem severa, a mãe, que nao é mãe... mas uma féral! —Se acaso Deus permette aos entes vis que matem os seus filhos nos covis!

—Então, a voz medonha d'um trovão ribomba na profunda escuridão, e a mãe, sem um lampejo de remorso, sem ter da consciencia um só esforço, atira o filho á lage d'um passeio e foge, sem sequer sentir no seio o golpe d'um punhal!... Que aberração!... Onde existe, meu Deus, o coração?!...

Vem rompendo afinal a madrugada, a chuva já cessou, a trovoadá afastou-se também; o sol nascente vem a dourar as linhas do Oriente com seu manto de luz; os operarios, alegres, vão seguindo aos seus fadarios, lendo-se lhes na face pura e calma, a tranquilla pureza de sua alma! A creança jazia abandonada roxeada de frio e encharcada!

—Uma mulher, de rosto bem rosado, passara co' o burrinho p'r'o mercado; era mulher do campo; tres rapazes alegres, reforçados e sagazes, na frente lhe pulavam! De repente o maior que saltava alegremente, parou, olhando a mãe enbasbacado, apontando o pequeno abandonado, que nem chorar podia. A camponeza tocada de bondade e singelleza, levantou-a nos braços e sorrindo, disse alegre p'ra quem a stava ouvindo: —*Vim trazer á cidade a minha venda e levo, sem o esp'rar, esta encomenda!...* E, com instinctos de mãe de coração, conchegou a creança ao peito são! E lá fóram seguindo o seu caminho, creança, mãe, rapazes e... burrinhol!...

De repente, ao entrar n'uma viella, o grupo se quedou! Uma cadella

lambia com ardor e com carinho o cadaver d'um pobre cachorrinho que o frio... talvez a fome! arrebatára ás caricias da mãe, que tanto o amára! A saloia, entre alegre e commovida, ao vêr aquella mãe tão dolorida, bafejando o cadaver de seu filho, um naco lhe atirou de pão de milho, e a cadella, que a fome apoquentava, foi agarrar no pão que perto estava e, sem pensar sequer no seu conforto, foi collocal-o ao pé do filho morto!!!

E a saloia tocando o seu burrinho se foi cantarolando p'lo caminho:

—Se ha mães que são prores que os proprios cães... ha cães que são melhores que as proprias mães!!!

D. Placida Ozorio.

## RETROSPECTO

### Chronica

*Portugal.*—Varios jornaes mandaram aos quatro ventos a galga famosa de que Alves da Veiga e demais revolucionarios da seita, foram suspensos temporariamente de seus direitos maçonicos.

A maçonaria, alma do movimento, perdeu por esta vez a batalha, desastre a que mal se achava disposta, e vem agora lançar poeira aos olhos, arredando de si a responsabilidade d'aquella façanha torpe, responsabilidade de que faria um docei honroso, se por ventura os successos tomassem rumo diverso. Macacos me mordam, como dizia um bom escriptor nosso, se não vem agora mentir, como quasi sempre costuma fazer. Alves da Veiga esteve socegadamente em Vigo, recebendo a familia e inumeros amigos politicos de Portugal; retirou-se depois a Madrid no intuito de fazer alli conferencias, passando em seguida a Pariz, a intender-se com Ruiz Zorrilla, e por fim a Londres, sempre em despeinhado de importantes commissões relativas á sua causa—a causa maçonico-republicana.

A questão de Moçambique recorda, infelizmente, o quartel general d'Abrantes. O governo inglez, préa herculeamente a convenção de 20 d'agosto, e nada ha que lhe faça abrir mão d'ella.

Como em seus dictionarios de diplomacia, usurpação e justiça são termos synonymos, o direito de Portugal é quantidade desprezível perante os nossos amigos ingiezes. Sempre nos pareceu que seria contra nós a solução final, e, a falar francamente, para o mal d'agora não viamos outro expediente, senão capitular com aquella dignidade e honra que fosse possível. E' terrível o desastre. Não o choravamos porém,

se entrando em nós, cuidassemos para futuro de colonisar, de evangelisar, de tornar cada vez mais effectivo o nosso dominio, conservando *bem* o muito que ainda temos. Não se fará porém assim: os tempos não vão para ter juizo. As delapidações que nos faz a Inglaterra, são mais auxiliadas pelo nosso desgoverno que pela ambição vergonhosa que a ella se attribue. Prova da influencia de nossos maiores é o amor consagrado ainda a Portugal pelos naturaes d'aquellas regiões: o regulo Gongunhama ahí está revellando uma firmeza admiravel, mau grado as importunas instigações da colmeia britannica. Se se vingasse enfrear os discolos e pôr as redeas do Estado em mãos leaes e firmes, breve seria outro para nós o aspecto do futuro.

Quinze mil contos de *deficit!* eis a sombra perturbando os sonhos do paiz. Quarenta mil contos de receita não bastam á voracidade funcionaria: urge pois carrear o alforge do emprestimo e ir bater á porta do judeu, que não logrando ser o roedor do governo allemão, resigna-se em sel-o dos governos austriaco, do francez e portuguez. Alguem lembrou economia em vez de emprestimo; mas a economia ha de esposar o sacrificio, e quem tolera hoje essa velharia no seculo do prazer? Porisso mesmo a proposta do sr. Eduardo d'Abreu, cerceadora das gordas pitanças de tanto magnate, foi posta de lado pela maioria da camara.

Na sessão de 6 do corrente o sr. ministro do reino apresentou pois uma proposta para o emprestimo de 45:000 contos sobre a hypotheca do rendimento dos tabacos. O sr. conde de Burnay foi mais uma vez o compadre do governo n'estes apertos pecuniarios.

Quando as luanças estão deploraveis, o falar-se em emprestimo é lembrar a morte. E' o que está acontecendo actualmente com o trabalho das côrtes. «E' bom, dizia ha pouco o «Economista», que se accentuem os contras do contracto, é bom que não passe sem reparo o que elle tem de lastimoso, é bom emfim que os negociadores fiquem sabendo que não deixamos de reconhecer que se aproveitam á farta das difficuldades das nossas circumstancias.»

*França.*—Monseñhor Freppel na sua viagem a Roma, obteve duas audiencias do Sancto Padre, sendo recebido cordialissimamente. Ao sair da primeira audiencia, S. Sanctidade ia jubiloso, encantado das rapidas duas horas passadas com o distincto Prelado d'Angers. Assim se esperava que fosse. Os que insinuaram as pouco respeitozas intenções do venerando prelado, soffreram mais uma vez o desmentido dos factos.

Monseñhor Richard, cardeal Arcebispo de Pariz, dirigiu, com data de 2 de

março, uma carta aos seus diocesanos, repleta de admiráveis conselhos, tendentes a firmá-los no seu posto de honra, na melindrosa conjunctura em que a França actualmente se encontra. Diz lhes S. Em.<sup>a</sup> que a Igreja não condena forma alguma de governo, mas não presta subserviência a nenhum partido. Insiste nos crimes d'um governo maçónico, principalmente nas leis da secularização do ensino, na sujeição do clero ao serviço militar e nos tributos onerosos ultimamente impostos ás congregações religiosas. S. Eminencia accrescenta:

«Não seriam completos os nossos conselhos se não dissessemos aos catholicos: o dever social não se cumpre sómente nas eleições ou assembleas legislativas. Cada um ha-de cumprir-o na posição elevada ou modesta em que a Providencia o collocou, tomando parte em todas as obras uteis. As questões sociaes ou operarias tomam largo espaço nas preocupações actuaes. Incutam lhes os christãos os principios de justiça e caridade, unicos edoneos a darem-lhes solução.» As palavras auctorisadas do digno prelado pariziense encheram os fleis de consolação e obtiveram parabens de varios membros do episcopado.

Quanto ao direito de accrescimento o digno arcebispo de Cambraia escrevia ha pouco a Monsenhor Richard: A diocese de Cambraia e a de Lyon estão expostas a ver n'um futuro proximo arruinadas ao gravame do imposto, chamado de accrescimento, as comunidades religiosas, um dos melhores titulos de honra e um dos mais preciosos thesouros espirituaes.

Esta espoliação horrivel, feita pelo governo francez ás ordens religiosas, levou S. Eminencia o Cardeal Foulon a dirigir ao presidente da Republica uma carta repleta de energicas verdades, advogando a causa das Irmãs de Saint-Charles e, na pessoa d'ellas, a de todas as congregações prejudicadas. Quasi todos os prelados da França, unanimes na condemnação de tão despotica lei, leem enviado sinceras e entusiasticas felicitações ao illustre signatario da carta o em.<sup>mo</sup> arcebispo de Lyon.

A imperatriz Frederico, vinda a Pariz para visitar apparentemente a snr.<sup>a</sup> de Munster, parece não ter logrado os fins politicos que influiram na viagem. Os pintores, por ella convidados á exposição de Berlim, retiraram seus compromissos depois que Deroulète foi depôr uma corda na estatua do pintor Regnault, morto em 1870 por uma bala prussiana. Se a viagem imperial tendia a inclinar a França á politica de Guilherme II, parece não ter produzido o resultado que se desejava, sendo agora a viagem considerada como uma im-

prudencia. A imperatriz retirou da capital franceza sem que houvesse manifestações de desagrado, como tanto se receava. O povo pariziense soube guardar preito a uma dama. A imprensa allemã, ainda assim, malsina acremente os francezes por não mostrarem melhor feição à imperial visitante. A *Kreuzzeitung* e a *Gazeta de Colonia* destacam-se por uma liagoagem assás violenta. Por outro lado, a imperatriz escrevendo a seu filho, affirmava sentir-se grata pelas homenagens que incessantemente lhe prodigalisaram os altos personagens, e não ter o menor motivo de se queixar do povo pariziense.

*Allemanha.*—Bismark propõe-se como candidato ao reichstag por Geestemünde, tendo sido já distribuidas as listas com o seu nome. Julga-se tambem que as pazes entre Caprivi e Bismarck se estabeleceram, não faltando quem affirme provir esta serenidade da adopção feita pelo chanceller actual da politica de seu antecessor: Isto porém exige a maxima reserva, pois que taes affirmações assentam simplesmente sobre a base nada segura das conjecturas. Melhor noticia porém, é vermos o ministro dos cultos, racionalista estreme, de ha muito suspeito ao imperador, ser agora substituido por um catholico sincero, saído das fileiras do centro. Os catholicos de ha vinte annos, animados em sua fé, affirmavam unanimes: Deus vive! Varios scepticos de então talvez façam hoje côro com os catholicos, affirmando egual verdade.

*Italia.*—S. Sanctidade, cuja saude continua preciosa, na allocução dirigida ao sacro collegio em 2 de março, relata as contrariedades suscitadas contra a Igreja n'este ultimo anno de seu pontificado, e annuncia dolorosamente as futuras tribulações que lhe estão reservadas.

A Igreja, no entender do venerando Pontifice, actualmente em guerra com tantos inimigos refinadamente cavilosos, implacaveis no odio, vê-se em perigos semelhantes aos do tempo de S. Gregorio Magno, hostilizado pela excursão dos lombardos e outros barbaeos, e, sobretudo, molestado pelos inimigos interiores, mais intoleraveis que os de fóra. A exemplo do grande pontifice, S. Sanctidade Leão XIII ergue-se invicto na lucta contra os inimigos internos e não descura o bem áquelles povos que por elle anseiam.

As Igrejas do Oriente, o regresso da Inglaterra á fé, a extincção da escravatura, prendem as mais vivas solididades do Sancto Padre. Relativamente a esta ultima, diz o Soberano Pontifice: «A acção da Igreja, educadora e civilisadora por excellencia, é indispensavel ao prospero resultado da causa: vãmente se procura extinguir a expor-

tação dos negros, as feiras de escravos, a condição servil, emquanto permanecerem barbaros os espiritos e os costumes. Eis porque aos missionarios catholicos incumbe n'este assumpto a missão principal, a missão privilegiada. A ella deveriam acudir de todas as partes do mundo e muito para louvar fóra que, unanimes, lhe prodigalisassem os governos o seu favor e auxilio. Honra aos que lhe incutem seu amparo, e se acham resolutos a não lh'o retirar!

«Por Nós, se em sua benignidade nos concede o Senhor chegar ao Nosso jubiléo episcopal, applicaremos a esse nobilissimo fim todos os recursos que a generosidade dos catholicos depositar em nossas mãos.»

A constante e benefica acção do romano Pontifice, applicada ao mundo inteiro, e manifestada em suas veneraveis palavras, faz nos prantear vél-o esbulhado de sua liberdade, porque o Papa, como disse ha pouco o em.<sup>mo</sup> Cardeal Bernardou, não é o chefe espiritual d'um só paiz, d'uma só nação, é o chefe da Italia, da França, da Hespanha, de todas as nações catholicas; o chefe dos catholicos da Inglaterra, da Allemanha, da Russia, da America, da China, do Japão, da Oceania, de todo o Oriente, das regiões de todo o orbe.

A prisão do Papa tem feito o Papa conhecido, venerado, amado dos trezentos milhões de seus filhos espirituaes: o que fará elle, exaltado sobre tamanho numero de corações, no momento em que recupere sua tam necessaria e tam devida liberdade?

Parece que o nihilismo começa a manifestar-se na Italia. Ha tempos o rei Humberto recebeu uma carta ameaçadora de ser dynamitizado, se não abdicasse em 21 de março. A policia prendeu os auctores da carta.

Do Quirinal sabemos que o rei Humberto renunciou em beneficio do Estado a quantia de 4.000.000 de liras da sua lista civil. A esta generosidade real chamaram as folhas liberaes *donativo patriótico*. Será. Entretanto, quizeramos saber o termo designativo da posse de tantos territorios, inclusive os da Sancta Sé, postos illegitimamente sob o sceptro do rei do Piemonte.

O ministerio Rudini mostra-se, agora ao menos, mais affavel para com a Igreja. O projecto da lei do divorcio e o da suspensão do *exequatur* aos prelados, parece não irem por deante. Aguardemos o fim.

De Massouah contam-se crimes hediondos, effectuados pelo tenente Livraghi, chefe da policia indigena. Eleva-se a 800 o numero dos assassinatos, alguns em circumstancias manifestadoras d'um cynismo inaudito.

## Noticias

*Mais uma igreja que se destroe.*—A mão sacrilega dos iconoclastas modernos levanta-se agora contra a igreja das Albertas em Lisboa. Continua pois a destruição, que os catholicos sabem lastimar, sem saberem congregar-se, para opporem um dique á onda que tudo alaga.

*Conferencias em Santa Brisida.*—A Nação, de 10 do corrente, dava a seguinte consoladora noticia: «Começa hoje na igreja de Santa Brisida, na rua do Quelhas, uma serie de conferencias religiosas para homens, que deve terminar no dia 13 do corrente. Basta dizer-se que os conferentes são dois respeitaveis sacerdotes d'aquella casa, para se saber que reúnem á piedade uma profunda erudição e superior criterio. Por isso, são estes exercicios muito concorridos, como já o anno passado o foram pelo que ha de mais selecto na nossa sociedade.»

E' bom. Os que querem perder-se, cada vez mais fundo mergulham no erro, os que anhelem salvar-se tractem de mais e mais se espriarem na verdade.

*Dr. Mendes Lages.*—Clinico distinctissimo, escriptor primoroso e sobretudo catholico de acção, animado sempre a todas as empresas em honra da Igreja, obteve ha pouco uma notavel prova de affecto de S. Sanctidade, que se dignou nomeal-o Cavalleiro da Ordem Pia. Merece parabens.

*Desagravo.*—No sabbado 14, os bons catholicos da capital affluiram á igreja de S. Christovão, desaggravando por suas commuhões e outros actos de piedade, a divina magestade alli ultrajada indignamente em 1882. Orou o rev. Padre Napoleão.

*Albergue de Santa Martha.*—No dia 12 do corrente mez celebrou-se a festividade de S. João de Deus, na igreja de Santa Martha, em Lisboa. Orou o rev. Napoleão. Houve bom concurso de fies.

Ha dias s. ex.<sup>o</sup> o senhor bispo de Bragança e Mirandella dignou-se visitar o Hospicio da *Irmandade dos Clerigos Pobres*.

Consta-nos que levou muito agradaveis impressões d'essa visita.

Deixou a quantia de 13\$500 para

ajuda das obras, que continuam ainda. *Congresso Catholico em Braga.*—As pessoas que receberam convite e não responderam a elle até ao dia 15 passado, não serão admitidas ao Congresso. Cada vez se accentua mais a convicção da imponencia d'esta solemne manifestação dos catholicos portugueses. A Belgica, a Allemanha, os Estados Unidos, e outras nações que nos levaram deanteira, devem servir-nos de incentivo e exemplo. A entrada no congresso é paga por uma quantia diminuta, tendo o assistente direito a um circunstanciado relatorio de quanto alli se disser e resolver.

*Crianças não devem fazer mal.*—Um cavallaria passava no sítio do Ouro. Uma creança traquinas atirou com uma lata ás pernas do cavallo, este deu quatro coices e apanhou um rapazito que estava perto, rachando-lhe um beijo e ferindo-lhe o nariz.

*Altruismo.*—O medico do asylo Maria Pia, em Lisboa, ganhá annualmente reis 720\$000; pois apesar de tam bem pago, diz-nos a *Nação*, que jamais entra nas infernarias, que attende os pobres no gabinete, sendo elles trazidos em braços quando não podem vir por seu pé. Julgavamos que a caridade pharisaica havia acabado, mas não; ella existe ainda. O dr. Ferraz de Macedo é n'ella um erudito.

*O El-dorado da republica.*—«Os fundos brasileiros, diz o *Économiste Français*, de 4 1/2 e 4 p. c. estão a 81,25 e até a 75 francos. Consta haverem-se feito numerosas compras por conta dos mesmos brasileiros, d'onde se vê que o Brazil está incontestavelmente n'um caminho de especulação a todo o transe. O cambio fraqueja e, se não volta em breve a prudencia, cair-se-á n'um embaraço inextricavel. As acções do Banco Nacional do Brazil, por compras a descoberto que se tinham feito n'estes titulos, tendo subido a 385 francos, desceram, por causa do estado do paiz, a 355 francos a praso, mas resistem a 375 francos, a contado.

Nenhuma solidez ostenta o enorme movimento que se vê nos negocios do Brazil, e muito se receia venha tudo a findar n'um lastimoso *krach* ou em coisa peor.»

Ora ahí está o paraiso offerecido pela republica ao povo brazilleiro. Os *salvadores da patria* em Portugal, hão-de

conduzir o vehiculo da nação a barranco de igual horror.

A imprensa da opposição anda amodaçada nos felizes tempos da republica como jamais o esteve na vigencia do imperio. Em janeiro ultimo, o proprietario e redactor do *Diario de Noticias*, do Pará, foi preso e enviado para a capital.

*Em Buenos-Ayres*—uma rapariga de 15 annos disparou um tiro de pistola contra o general Roca, cunhado do presidente, que em carruagem atravessava uma rua da cidade. Levemente ferido, apeou-se, descarregou algumas bengaladas na criminosa e deixou-a nas mãos da policia.

*Preciosidade bibliographica.*—Sob os auspicios e mediante a munificencia de S. Sanctidade, o Rev. P.<sup>o</sup> Joseph Cozzaluzzi, vice-bibliothecario da Sancta Sé, acaba de mandar reproduzir, pela phototypia, o celebre codice grego da Biblia, designado na bibliotheca Vaticana sob o n.<sup>o</sup> 1209. Escripto em delicadissimas membranas de pelle de antilope, á maneira dos antigos codices egypcios, e em letras onceaes d'uma admiravel regularidade, este precioso codice contém, do Antigo Testamento, a mais conceituada versão dos Setenta, e do Novo Testamento um dos textos mais auctorizados em lingua original.

Varias opiniões consideram o codice um dos 50 grandes volumes que o imperador Constantino mandou escrever por Eusebio e enviar de presente ás principaes igrejas. No emtanto, a avaliar pelo papyro e pelo methodo de escripta, remonta a uma data ainda de maior antiguidade. No tempo de Xisto V, serviu de base á celebre edição grega chamada xistina, que foi acceita pelos mesmos dessidentes como texto commum.

A reproducção actual, começada no tempo de Pio IX pelos Rev. Padres Vercellone e Cozza, foi desde então animada por um Breve de S. Sanctidade, e depois por outro do sabio Pontífice Leão XIII, que muito concorreu para a feliz conclusão da obra. D'est'arte, poder-se-á ter deante dos olhos, nas principaes bibliothecas do mundo, o texto mais antigo da Biblia, graças ao vital impulso que a estes trabalhos incute o N. S. P. o Papa.

Março—14.

F.

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Côrreios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso, 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.**

**O anno começa no 1.<sup>o</sup> sabbado de janeiro**

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 52—GUIMARÃES.